

Introdução

O escopo principal deste trabalho é, como já o indica o próprio título, uma pesquisa em torno do problema do conceito de justiça e de misericórdia divinas, subjacentes nos textos de Gn 18,16-33 e Is 52,13-53,12: esses textos deixam entrever uma dinâmica que vai da impossibilidade de o inocente padecer juntamente com o culpado (Gn) à constatação de que o inocente é esmagado justamente em favor e em lugar do culpado (Is).

De maneira simplificada, é possível resumir a problemática desses dois textos da seguinte forma: enquanto em Gn o juiz de toda a terra não pode permitir que o justo seja esmagado com o pecador, em Is este mesmo Deus permite que o justo seja aniquilado em favor dos pecadores. Que tipo de relação se pode estabelecer entre esses dois textos? Em que nível estaria tal relacionamento — histórico, literário, teológico? Seriam contraditórios, excludentes, complementares? Na singularidade de cada um, o que nos ensinam a respeito da justiça e da misericórdia na ação salvífica de Deus na história?

Embora nos sirvamos, como base, do método histórico-crítico, nossa análise é exegético-teológica e privilegia a leitura segundo o método narrativo, sobretudo para a primeira parte.

A perspectiva deste trabalho não comporta necessariamente a assunção e a defesa de alguma postura ante os temas mais disputados dentro do campo exegético no que diz respeito aos textos em questão. Tampouco postularemos novas hipóteses quanto a fontes, datas, lugares, autores ou personagens. Obviamente, ao longo do trabalho, optaremos por uma opinião determinada quanto aos temas pertinentes, que serão tratados e sistematizados, mas tendo em vista unicamente a individuação dos problemas teológicos centrais de ambos os textos, a saber, a questão da justiça e da misericórdia divinas na experiência das pessoas envolvidas.

À medida que o leitor acompanha Abraão em seu diálogo acerca do destino dos justos e dos pecadores, não há como evitar a lembrança quase espontânea do texto de Is referente ao Servo de IHHW. Todavia, nenhuma aproximação mais sistemática e profunda neste sentido tem sido, de fato, empreendida por algum autor até o presente momento. Isto se deve, quiçá, à diferença dos textos em questão, situados em *corpora* diversos, embora haja alguns autores que, ao comentar a passagem do Gênesis, aludem *en passant* ao texto de Isaías e vice-versa: existem autores que, ao comentar Is, também fazem referência ao texto do Gênesis.¹

Segundo Alonso Schökel, “o texto do Gn, em seu laconismo final, abre uma grande porta... Is 53 é quem propõe o paradoxo: bastará um único inocente, um justo que pagará por todos os pecadores”.² J. Blenkinsopp, por sua vez, ao comentar brevemente o texto de Gn 18, afirma que a possibilidade de um papel salvífico para os justos será de muita importância nos desdobramentos religiosos posteriores do Judaísmo e do Cristianismo, “em conexão com o Servo profético do Deutero-Isaías, ‘o qual justificará a muitos’”.³

G. von Rad, que considera o diálogo de Gn 18 obra inteiramente javista, julga que o texto é “um solitário passo adiante... que se liga, na verdade, através de um longo arco de gerações, à palavra profética do servo de Deus, que proporciona a salvação ‘para os muitos’”.⁴

¹ Por ex., FOHRER, G., *Stellvertretung und Schuldopfer in Jes 52,13-53,12*, p. 40; KUTSCH, E., *Sein Leiden und Tod — unser Heil*, p. 195.

² ALONSO SCHÖKEL, L., *¿Dónde está tu hermano?*, p. 85.

³ BLENKINSOPP, J., *Wisdom and Law in the Old Testament. The Ordering of Life in Israel and Early Judaism*, p. 57. Cf. ainda CLAMER, A., *Genèse*, p. 286.

⁴ “Il passo si riallaccia in realtà su un lungo arco di generazioni alla parola profetica del servo di Dio, che procura salvezza ‘ai molti’” [Is 53,5.10] (von RAD, G., *Teologia dell’Antico Testamento*, p. 446. “Thereby, in our opinion, the narrative guards the uniqueness and marvel of the message about the one who brings salvation and reconciliation for the ‘many’ [Isa. 53.5,10] (Id., *Genesis*, p. 214).

Com essas palavras, von Rad deixa transparecer algo como uma evolução no pensamento e distanciamento temporal entre os textos — ele fala de ‘passo adiante...’ e ‘longo arco de gerações’. Provavelmente este fato deva ser creditado à maior antiguidade que ele atribui ao texto do Gn em relação àquele de Is. Contudo, segundo R. Albertz, a multiplicidade de idéias sobre a fé, atestada nos escritos do AT, muitas vezes em competição num mesmo e único período, torna impossível desenvolver uma história da religião como uma continuada história das noções e concepções religiosas.⁵

Se postularmos o período pós-exílico para ambos os textos, não é possível raciocinar numa direção linear evolutiva, mas tão somente considerar a resposta que cada texto apresenta para um problema que parece semelhante.

O título desta pesquisa — “Da não-aniquilação... à aniquilação...” — involuntariamente pode sugerir uma evolução do pensamento, ou certa dependência entre os textos. Não é esta a perspectiva, inclusive porque a datação dos textos é uma questão bastante discutida em exegese bíblica. Consideramos que a mudança de compreensão não se dá de Gn a Is ou vice-versa, de acordo com as oscilantes datações dos textos: ela se dá no interior mesmo dos próprios textos.

Em Gn, por ex., passa-se da impossibilidade de qualquer comunhão de destino entre pecadores e justos para a possibilidade de aqueles serem poupados pelos méritos destes; em Is, a grande reviravolta é protagonizada pelo grupo-nós que adquire, mediante a revelação de IHWH, uma visão completamente nova das coisas: o inocente sofre vicariamente pelos culpados.

Embora não postulemos nenhuma dependência literária entre os textos, constatamos certa dinâmica e progressão no pensamento de ambos os textos, e admitimos que Isaías introduz um elemento deveras inédito: a questão da substituição vicária. Este ponto é tão expressivo que serviu de ótica hermenêutica inclusive para a figura e a missão de Jesus de Nazaré.

⁵ “The multiplicity of ideas about faith attested by the Old Testament writings, which often compete in one and the same period, makes it impossible to develop a history of religion as a straight-line history of religious notions and conceptions” (ALBERTZ, R., *A History of Israelite Religion in the Old Testament Period I*, p. 18).

Vale lembrar que não se podem encontrar todas as respostas num único texto. Cada um tem uma perspectiva, uma resposta, o que nos possibilita ter uma visão mais completa da riqueza da experiência de um Deus que é, ao mesmo tempo, justo e misericordioso.

Cada texto será estudado separadamente. A primeira parte da dissertação ocupa-se da análise literária e teológica de Gn 18,16-33, ressaltando o problema central do texto e sua possível resposta; adota-se o mesmo procedimento na segunda parte, que se ocupa de Is 52,13-53,12. A terceira parte procura aproximar os dois textos à guisa de síntese, confrontando as perspectivas de cada um, mostrando-lhes as semelhanças e singularidades. Para ambos os textos, postulamos um pano de fundo histórico comum, aquele do exílio e do pós-exílio.

A aproximação crítica desses dois textos, sob a ótica mencionada acima, é algo deveras inusitado na pesquisa bíblica, e se constituirá na ‘novidade’ deste despretensioso trabalho.